



RELAMI

Rede Ecumênica

Latino-Americana de Missiolog@s

A greve de fome e o direito de dispor da vida

Ivone Gebara

Creio que qualquer pessoa em pleno uso de suas faculdades de reflexão e decisão tem o direito de dispor da vida por um bem que ela considera naquele momento maior que a própria vida. Tal posição relativiza o chamado direito único de Deus de dispor da vida humana. Não é nosso papel como seres humanos legislar sobre os direitos de Deus. Mas é nosso papel legislar sobre os direitos humanos, as ações humanas e as escolhas humanas.

Basta olharmos a história dos últimos séculos para verificarmos a quantidade de pessoas que deram sua vida por outras. O exemplo do Pe Kolbe nos campos de concentração da Alemanha, o exemplo de tantas mulheres e homens que deram sua vida por filhos ou amigos em diversas situações. No final do século XX um grupo de mulheres da Índia, conhecidas por mulheres de Chipko assim como mulheres do Himalaya se organizaram como um movimento contra a destruição de suas florestas e contra o lixo atômico que seria despejado em suas regiões. Algumas abraçaram árvores e arriscaram a vida para salvar a terra. Colocaram-se diante das armas apontadas em sua direção para dissuadi-las a mudar de idéia. Elas resistiram e ao menos naquele momento venceram. Dar a vida por mais vida até com o risco de morrer é um ato de liberdade.

Entretanto, o que parece espantoso na atitude do bispo D. Luis Flávio Cappio segundo as autoridades do Vaticano é que ele entrega a vida aparentemente por um rio e pelo "Zé povinho" de um jeito que lhes parece extremado. E, a polêmica sobre o direito divino à vida reaparece e com ele a obediência a um modelo de poder religioso autoritário. O prefeito da Congregação para os bispos pede-lhe em carta que "não desobedeça aos preceitos divinos" através de seu gesto de liberdade e, a gente fica a se perguntar sobre o sentido dos preceitos divinos para as autoridades eclesiais.

A meu ver, muitas pessoas e grupos como D. Luis Flávio crêem que a vida humana está entrelaçada à vida da natureza. Matando a natureza, no caso um rio, se está matando também a vida humana. Não existe vida humana independente. Existimos na natureza e da natureza. Somos seres da natureza.

Nesse sentido o discurso sobre o direito à vida ou o princípio de respeito à vida como vem sendo utilizado pelas autoridades da Igreja Católica romana precisa ser revisto. Aliás, quero lembrar que Jesus também entrega sua vida a uma causa. Não decide se entregar para a morte, mas para a vida. E por isso é crucificado e morto. A eventual morte por greve de fome pode igualmente advir como consequência de uma opção tomada, por uma paixão pela vida para além de minha vida. Sem dúvida, todas as decisões humanas são marcadas por ambigüidades e contradições. Não somos puros e por isso nossas ações são marcadas igualmente pelas impurezas que são condição de vida de todos os seres. Mas, dentro dessa "mistura" que somos, certos gestos de amor, dependendo das pessoas e contextos, podem comportar a entrega da vida até a morte. Por isso, nesse caso como em outros este gesto é ato de liberdade e de amor.